FERRAMENTAS DIGITAIS E PRÁTICA DOCENTE: CAMINHOS PARA A AUTONOMIA DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Me. Fernando Datorre e Larissa Gabriela de Oliveira Greco

Receber um estudante cego ou com baixa visão pela primeira vez costuma despertar no professor universitário uma mistura de insegurança e vontade de acertar. A sensação reflete o próprio cenário da pesquisa na área: ao analisarem 33 teses e dissertações sobre tecnologias assistivas e deficiência visual, Amorim e Santos (2025) encontraram apenas três voltadas ao ensino superior. Ou seja, boa parte do que se sabe sobre o tema foi construída a partir da educação básica, e o docente universitário muitas vezes precisa abrir caminho por conta própria.

Leitores de tela, recursos de áudio, Braille digital e aplicativos de reconhecimento permitem que estudantes leiam, pesquisem, escrevam e naveguem por diferentes ambientes. O NVDA, por exemplo, é um leitor de tela gratuito e de código aberto que permite a pessoas cegas ou com baixa visão utilizar computadores Windows por meio de voz sintetizada ou Braille. Ambientes virtuais de aprendizagem, como o Moodle, também possuem recursos de acessibilidade, mas a forma como o professor estrutura seus conteúdos e atividades é determinante para que esses recursos sejam efetivos.

Mas nenhuma dessas ferramentas funciona sozinha. O que de fato faz diferença é o professor que decide incorporá-las ao planejamento, conversa com o estudante sobre suas necessidades e ajusta a forma de ensinar. Machado (2026) observa que, embora leitores de tela, ampliadores e aplicativos acessíveis favoreçam a autonomia, ainda existem desafios de formação e institucionais para que a inclusão se efetive.

Esse trabalho também passa pela aproximação entre docentes e áreas de tecnologia, para que os recursos de acessibilidade façam parte do planejamento e não sejam utilizados apenas quando surge uma dificuldade. Silva (2026) chama atenção justamente para essa integração entre acessibilidade tecnológica e mediação pedagógica.

Afinal, quando o estudante consegue ler, pesquisar e produzir sem depender o tempo todo de outra pessoa, ele passa a participar da vida acadêmica com mais autonomia. Olegário et al. (2024) mostram que o uso dessas tecnologias repercute na permanência, no desempenho acadêmico e na trajetória universitária. Isso reforça que a acessibilidade não se resume ao acesso ao conteúdo, mas também às condições para que o estudante desenvolva suas próprias estratégias de estudo e aprendizagem.

Referências

AMORIM, Marília Rafaela Oliveira Requião Melo; SANTOS, Pricila Kohls dos. Tecnologias assistivas para a permanência de estudantes com deficiência visual na educação superior: resultados do estado do conhecimento. **JRG Journal of Academic Studies**, São Paulo, v. 8, n. 19, p. e082370, 2025. DOI: 10.55892/jrg.v8i19.2370. Disponível em: https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/2370. Acesso em: 6 out. 2026.

MACHADO, João Carlos. Uso das tecnologias assistivas no ensino superior: uma percepção acerca dos acadêmicos com deficiência visual no campus de Sinop. **Eventos Pedagógicos**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 886–895, 2026. DOI: 10.30681/reps.v16i3.14738. Disponível em: https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/14738. Acesso em: 6 out. 2026.

OLEGÁRIO, Margareth; DUARTE, Rosalia Maria; FONSECA, Mirna Juliana Santos; MAIA, Kelly. Estratégias de estudo e de aprendizagem com tecnologias por universitários cegos. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 37, 2024, e21, p. 1–26. DOI: 10.5902/1984686X86814. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/86814. Acesso em: 6 out. 2026.

SILVA, Rafael Soares. Entre o braille e o byte: tecnologias acessíveis e a construção de uma avaliação inclusiva no ensino superior. **Devir Educação**, v. 10, n. 1, e-1175, 2026. DOI: 10.30905/rde.v10i1.1175. Disponível em: https://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/1175. Acesso em: 6 out. 2026.